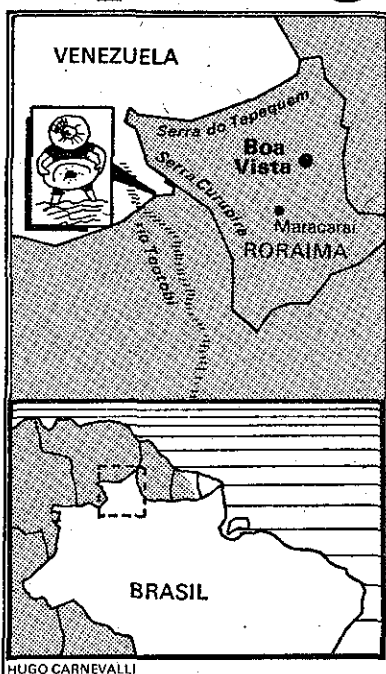


Venezuela expulsa garimpeiros

BOA VISTA — O garimpeiro Luiz Moraes da Silva e mais cem brasileiros que invadiram território venezuelano em busca de ouro terão de deixar o país em 48 horas, seguindo determinação da Guarda Nacional. “O amarelo do ouro e o verde da floresta são iguais nos dois lados e não dá para a gente saber onde está”, afirmou Moraes. Ele chefiava um grupo de quase cem pessoas — dos quais 40 mulheres e crianças — que está acampado a cem quilômetros da fronteira, fazendo pesquisas minerais contratado por Carlos da Costa Padilha.

Padilha e Moraes procuraram ontem o cônsul da Venezuela em Boa Vista, Antonio Quintana, para tentar uma solução para a situação, porque no prazo estipulado Padilha afirma não ter condições de retirar seus homens e máquinas da Venezuela. Segundo informa, o acesso à região é muito difícil e acidentado: “Só dá para sair de lá de helicóptero”. Padilha disse que se a Guarda Nacional autorizar contrata um helicóptero e em dez ou 15 dias retira todo mundo.

O cônsul pediu que os dois escrevessem uma carta reconhecendo o erro e desculpando-



do-se pala invasão. Ontem mesmo o documento foi enviado a Caracas.

Moraes disse que há 60 dias estava com seu grupo de pesquisas no rio Axibi, perto da pista de pouso de Baiano Formiga, em Surucucus, quando recebeu ordens para deslocar o pessoal pa-

ra a serra Couto de Magalhães, local a 15 minutos de helicóptero, no Alto Mucajai, próximo ao rio Tootobi. No dia 11 apareceu outro helicóptero, com um sargento e cinco soldados da Guarda Nacional venezuelana, que informaram aos brasileiros que eles tinham 48 horas para recuar para trás da linha de fronteira entre os dois países. A fronteira é seca, no meio da floresta e com marcos de difícil localização.

Moraes reclamou do piloto do helicóptero, porque alegou que os garimpeiros não têm meios para localizar-se. “Mas o piloto tinha um mapa em mãos e devia ter consciência de que estava invadindo o espaço aéreo venezuelano”, afirmou. Ele explica que agora o problema é que seu pessoal tem poucos mantimentos, insuficientes para enfrentar uma longa jornada a pé pelo meio do mato.

Padilha garantiu ter feito o possível para resolver o problema sem criar conflito. “Não queremos violência, mas é preciso lembrar que os homens lá no mato estão armados e estou preocupado que, com as pressões que a Guarda Nacional possa fazer, o pessoal acabe reagindo”, disse.